

se em país de economia dependente, a empresa multinacional organiza toda a estrutura de que necessita, a constelação a que vai presidir. Assim, aquela que se apropriou, com a proteção do Estado brasileiro, da indústria petroquímica, montou as peças do esquema integral de que se serve: "O nosso grupo, antes essencialmente industrial, respondeu aos estímulos do Governo para que as empresas ganhem dimensões e produtividade com fusões e incorporações. Por isso decidimos constituir um banco de investimentos, depois incorporamos um banco comercial e agora pretendemos desenvolver a parte financeira ligada à parte industrial. (...) Estamos trabalhando para consolidar nossa posição. O grupo BIG-Univest, resultante da fusão recente do banco de investimentos com o banco comercial, opera hoje em linhas bastantes amplas, o que permite a integração de diferentes atividades".<sup>184</sup>

E aqui entra, naturalmente, o problema do Estado. Em passado recente, a função do Estado, e particularmente da área estatal da economia, nos países ditos subdesenvolvidos, era qualificada como progressista; só o Estado tinha condições para enfrentar as empresas monopolistas estrangeiras, com o seu enorme poderio. Os setores de esquerda, em política, desde os liberais até os comunistas, defendiam o papel progressista do Estado, no Brasil; aqui, a campanha pela exploração do petróleo em regime de monopólio estatal constituíra o mais amplo e profundo movimento de massas, motivara a formação da mais ampla frente, e alcançara vitória memorável. Politicamente, no Brasil, pois, a opinião estava claramente dividida: de um lado, os partidários da intervenção do Estado na economia (admitindo que isso seja passível de escolha); e os adversários dessa intervenção, defensores da eficácia da "iniciativa privada", de outro lado. Entre aqueles, estavam todos os que desejavam reformas e pretendiam base popular para as iniciativas; entre estes, estavam os que detestavam as reformas e reputavam a economia ciência de técnicos, imune ao jogo político, acima das classes, constituindo as forças conservadoras e reacionárias.

Não é aqui o lugar para discutir o problema sob seus aspectos teóricos, nem de apreciar como se desenvolve em outras áreas. Em 1962, por exemplo, as despesas do setor público, na Holanda, na Suécia, na Inglaterra, na França, aproximavam-se de 30%

<sup>184</sup> "Guerra ideológica, não: econômica". In *Jornal do Brasil*, Rio, 31 de março de 1972.